

## O DISCURSO KINIKINAU: CULTURA, IDENTIDADE E EDUCAÇÃO

Maira Luana Morais<sup>1</sup>

**RESUMO:** buscamos localizar, via materialidade linguística e com base em regularidades enunciativas, as diferentes formações discursivas, os interdiscursos e os efeitos de sentido possíveis que perpassam a memória discursiva do povo Kinikinau. A pesquisa ancorou-se nos pressupostos da Análise de Discurso para a discussão dos conceitos de sujeito, formação ideológica e discursiva, interdiscurso e memória discursiva, sobretudo nos estudos de Foucault (2008), Coracini (2007); nos estudos culturalistas, na Linguística Aplicada e no método arqueogenealógico de Foucault. O corpus são recortes extraídos de um Trabalho de Conclusão de Curso de um professor indígena Kinikinau e cinco textos produzidos por alunos do ensino fundamental 2 da escola da Aldeia São João. Os resultados apontaram que, em decorrência das inúmeras transformações nas estruturas econômicas e políticas, os povos indígenas tem sua cultura, língua e identidade afetadas pelos modos de vida do branco e, portanto, (re) significam suas práticas, crenças e necessidades na contemporaneidade, situando-se no entre lugar conflituoso que, de um lado, o mantém em uma relação de dependência e integração com a natureza, com os valores culturais, linguísticos e identitários de seu grupo e, do outro, o coloca frente a frente com os valores da sociedade hegemônica que deseja para si.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso indígena. Kinikinau. Língua.

**ABSTRACT:** we seek to locate, via linguistic materiality and based on enunciative regularities, the different discursive formations, interdiscourses and possible effects of meaning that permeate the discursive memory of the Kinikinau people. The research was based on the assumptions of Discourse Analysis for the discussion of the concepts of subject, ideological and discursive formation, interdiscourse and discursive memory, especially in the studies of Foucault (2008), Coracini (2007); in cultural studies, in Applied Linguistics and in Foucault's archaeogenealogical method. The corpus are excerpts taken from a Course Conclusion Paper by an indigenous teacher Kinikinau and five texts produced by elementary school students 2 at Aldeia São João school. The results showed that, due to the countless transformations in economic and political structures, indigenous peoples have their culture, language and identity affected by the white ways of life and, therefore, (re) signify their practices, beliefs and needs in contemporary times, standing in the midst of a conflicting place that, on the one hand, keeps them in a relationship of dependence and integration with nature, with the cultural, linguistic and identity values of your group and, on the other hand, puts you face to face with the values of the hegemonic society you want for yourself.

**KEYWORDS:** indigenous discourse, kinikinau, language

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), campus de Três Lagoas, onde desenvolveu a pesquisa a respeito do discurso Kinikinau sobre Cultura, Identidade e Educação, sob orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dra Claudete Cameschi. Atualmente, é mestranda na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, no Programa de Literatura Brasileira, da Universidade de São Paulo (USP), campus do Butantã, cidade de São Paulo, estado de São Paulo, Brasil. Endereços eletrônicos: [mairaluana@usp.br](mailto:mairaluana@usp.br) ou [mairaluana\\_morais@hotmail.com](mailto:mairaluana_morais@hotmail.com).

## Introdução

Misturados a outros povos, sobretudo aos Terena, os Kinikinau foram dados como extintos, por Darcy Ribeiro, conforme registra Cardoso de Oliveira (1976). A respeito dessa extinção, alguns textos apresentam divergências quanto ao número de indivíduos kinikinau quando procuram contestar essa afirmação. Segundo o Instituto Sócio-Ambiental – ISA-, em 1998, o censo empreendido na Reserva Indígena Kadwéu, realizado pela Prefeitura de Porto Murtinho, revelou a presença de 58 indígenas que se autodeclararam Kinikinau em um universo de 195 índios recenseados na aldeia São João, dentre os quais Terena, Kadiwéu e Guarani-Kaiowá. Mais recentemente, em 2003, foram apontados cerca de 180 indivíduos Kinikinau vivendo na aldeia São João. Carvalho (2013) aponta a presença, em 2012, de 193 kinikinau na Aldeia São João. A diferença entre os números se deve ao fato de que em 1998 muitos deles ainda temiam declarar-se Kinikinau. Estima-se que, em 2005, juntos, os Kinikinau dispersos em aldeias Terena e aqueles que estão na aldeia São João chegaram há aproximadamente 250 indivíduos. A maioria não fala mais a língua, filiada à família linguística Aruak, valendo-se da Língua Portuguesa para se comunicarem. Entretanto, na Aldeia São João há alguns kinikinau que dominam a língua e são responsáveis pelo seu ensino em ambiente escolar.

Considerando que, ao perder a língua, perde-se também parte de sua cultura e que esse fato interfere nos processos identitários dos indígenas; e, ainda, que a escola, responsável, no passado, por parte da perda da língua e da cultura desses povos, hoje se apresenta como espaço propício e, às vezes, único, como é o caso dos kinikinau, de revitalização da cultura e língua desses povos, nos propomos, no período de agosto de 2014 a julho de 2015, a refletir sobre o discurso dos kinikinau, sobretudo dos professores e alunos da Escola Municipal Indígena “Koenukunoen”, da Aldeia São João, município de Porto Murtinho, a respeito de sua cultura, língua, educação escolar e processos identitários, afim de contribuir para a visibilidade do povo Kinikinau, tendo como caminho: a análise do discurso desses sujeitos a respeito da cultura, educação escolar e processos identitários; o registro desses discursos; a contribuição na produção de material didático pedagógico sobre esses temas a ser utilizado na escola da aldeia.

Para isso, fizemos o levantamento bibliográfico sobre o povo, língua, cultura e identidade, reunindo os textos em pequenas sínteses que sugerem um estado da questão. O corpus dessa pesquisa é, portanto, composto de recortes do discurso de um professor kinikinau, Inácio Roberto, e seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para a Licenciatura Intercultural

Indígena “Povos do Pantanal”, UFMS/CPAQ, e também de trechos de textos produzidos por alunos do segundo segmento do ensino fundamental da aldeia que foram aplicados e cedidos pela professora de Língua Portuguesa da aldeia via internet. O critério de seleção do corpus foi a análise de discursos provenientes de sujeitos kinikinau fases diferentes de suas vidas, pois assim poderíamos perceber aspectos cruciais da formação discursiva e, por conseguinte, identitária desse povo. Dessa forma, nosso interesse era perceber como esses diferentes sujeitos kinikinau articulavam questões ligadas ao imaginário social, a questões linguísticas e políticas, à representação de si e à relação deles, enquanto indígenas, com o branco. Os recortes foram interpretados a partir das perspectivas teóricas da Análise do Discurso de origem francesa e de algumas noções dos estudos culturalistas, permeados pelo método investigativo de Foucault.

Assim, tem-se como objetivo contribuir para a visibilidade do povo Kinikinau, analisando e registrando, com base em regularidade enunciativas, os interdiscursos e os múltiplos sentidos presentes em sua memória discursiva. Buscamos, assim, compreender o discurso Kinikinau sobre cultura, identidade e educação e contribuir para produção de material didático

No desenvolvimento da pesquisa, encontramos dificuldades em relação à coleta de dados na aldeia. Entretanto, com a chegada da internet naquele local, propusemos à professora de Língua Portuguesa a produção de textos com os alunos da escola da comunidade e o envio dessas produções via e-mail. Esclarecemos que tais textos seriam utilizados na pesquisa, mas que não identificaríamos os autores e nem o nome da professora. A proposta foi aplicada e a professora enviou 18 textos, dentre os quais, quatro foram produzidos por alunos da etnia kinikinau, que em conjunto com os recortes do discurso do professor indígena kinikinau constituem o corpus desta pesquisa. As atividades de pesquisa desenvolvidas foram: a) pesquisa bibliográfica; b) fichamentos e resenhas de textos referentes ao suporte teórico e daqueles produzidos sobre e pelos kinikinau, incluindo aí os textos que constituem o corpus da pesquisa (professor e alunos do ensino fundamental), com o objetivo de registrar as representações desse povo sobre sua cultura, processos identitários e educação escolar, suas variações e discussões em ambiente escolar.

Por fim, dado o compromisso ético assumido em não informar a autoria dos textos produzidos pelos alunos, antecede cada recorte uma sigla que remete à autoria e fonte de origem: R1-SPK, recorte 1 do discurso do professor kinikinau em seu TCC; R2 - SPK a mesma origem; R3- SAK- A, recorte de texto produzido pelo aluno kinikinau A; R4- SAK-B, recorte de texto produzido pelo aluno kinikinau B, e assim sucessivamente.

### O discurso Kinikinau em perspectiva

Refletir sobre as questões referentes aos povos indígenas e seus discursos com o objetivo de contribuir para a visibilidade do povo Kinikinau, analisando e registrando, com base em regularidade enunciativas, os interdiscursos e os múltiplos sentidos presentes em sua memória discursiva implica buscar as contribuições de Pêcheux e Foucault, instituidores de reflexões essenciais para que a Análise do Discurso se constituísse como disciplina.

Antes de iniciarmos a interpretação dos recortes, faz-se necessário registrar que no levantamento da bibliografia do/sobre os kinikinau, constatamos que há estudos sobre a língua kinikinau, como o de Ilda Souza, *KOENUKUNOE EMO 'U*: A língua dos índios Kinikinau, tese de doutorado em Linguística, defendida em 2008 na Unicamp; o de Valéria Guimarães de Carvalho Couto, *A língua Kinikinau*: estudo do vocabulário e conceitos gramaticais, dissertação de mestrado em Letras, defendida em 2005, na UFMS/CPTL; o de Dercir Pedro de Oliveira e Mirian Moreira Alves, *Os Kinikinau*: dados históricos, vocabulares e linguísticos, publicado em 2005; de Daniele Lucena Santos, *ENTRE A “EXTINÇÃO” E O “RENASCER”*: o processo de revitalização da língua Kinikinau como mecanismo de “resistência”, trabalho de conclusão de curso, do curso de Letras, defendido em 2014, UFMSqCPAQ.

Voltados em específico para a Análise de Discurso, há o texto de Jandercy Penha da Silva Carvalho, *O discurso kinikinau sobre as questões ambientais*, dissertação de mestrado que analisa o discurso de professores kinikinau sobre o meio ambiente, defendida em 2013, na UFMS/CPTL; o texto de Katiana Silva Azambuja, *Língua Kinikinau na construção do material didático: Wrxewo Kwatiti Xane*, dissertação de mestrado, defendida em 2015 na UFMS/CPTL, e que problematiza a construção identitária dos sujeitos indígenas kinikinau, por meio de representações de língua e linguagem, e, em construção, uma dissertação de mestrado produzida por Daniele Lucena Santos, no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFMS/CPTL, problematizando as representações de escola e território construídas nos discursos do documento legal das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Indígena na Educação Básica, publicadas em 2012, e no discurso dos próprios indígenas kinikinau.

Há, ainda, outros estudos que foram realizados, como o de Giovani José da Silva e José Luiz de Souza, *O despertar da fênix*: a educação escolar como espaço de afirmação da identidade étnica Kinikinau em Mato Grosso do Sul, em 2003; os de Rosaldo Albuquerque Souza, *O povo Kinikinau e a sua trajetória ao ensino superior*, artigo publicado em 2009; e do mesmo autor indígena kinikinau, *Sustentabilidade e processos de reconstrução identitária*

*entre o povo indígena Kinikinau (Koinukunoen) em Mato Grosso do Sul*, dissertação de mestrado defendida em 2012. Na área de história e antropologia foi defendida, em 2010, a tese de doutorado de Iara Quelho de Castro, *De chané/guaná a Kinikinau: a construção da etnia ao embate entre o desaparecimento e a persistência*, na Unicamp. Em 2014, Inácio Roberto, professor kinikinau, defendeu junto à Licenciatura Intercultural Indígena “Povos do Pantanal” UFMS/CPAQ, o trabalho de conclusão de curso, *A Língua Kinikinau: o ensino da língua kinikinau e produção de material didático*, cujos recortes constituem parte do *corpus* interpretado neste texto, mediante regularidades enunciativas e concepções de formação e memória discursiva foucaultianas.

Tendo uma base teórica transdisciplinar, a Análise do Discurso (AD) desponta na academia no final dos anos de 1960, articulando-se entre a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise. Defende a AD que os sentidos são produzidos nas relações estabelecidas entre a língua e a história. Nesse sentido, Orlandi (2009, p.19) afirma que “a história tem seu real afetado pelo simbólico” e destaca a relação da língua com a história e que é por meio dessa relação que os sentidos são produzidos, pois, segundo a autora, é na relação entre língua e história que o sujeito se significa e desloca-se da posição de indivíduo para sujeito pelo simbólico. Conforme Foucault (2004, p. 105), o sujeito é um lugar determinado, ao mesmo tempo vazio, que pode ser ocupado por sujeitos diferentes, portanto não é definitivo, mas “variável o bastante para poder continuar idêntico a si mesmo, através de várias frases, bem como para se modificar a cada uma”.

Para Foucault (2008), o enunciado é “inesgotável à língua e ao sentido, podendo, assim ser inúmeras vezes repetido”, mas, ao mesmo tempo, é um acontecimento singular, é possível dizer que a cada aparição em um campo enunciativo toma nova ou novas feições, já que é uma unidade da análise do discurso, na qual se materializa o discurso. Para Foucault (2004), discurso não é apenas a manifestação do desejo, mas é também o objeto do desejo e prática originária dos saberes, suas formações e suas relações com práticas sociais. Para Orlandi (2009, p. 20), o discurso é constituído por ideologias, história do sujeito e por “já-ditos” que se manifestam por meio da língua, da materialização linguística do sujeito que acredita ser seu e único o discurso que articula. É pela ideologia que o indivíduo é interpelado em sujeito de seu discurso, de modo a oferecer ao sujeito sua realidade como evidência e, apagando, simultaneamente, a relação da língua com a história.

Adotando as reflexões de Foucault, pode-se dizer que o sujeito é concebido como um lugar discursivo, marcado pela heterogeneidade e a instabilidade das diferentes formações

discursivas que transcorrem em seu discurso, e, desse modo “um único e mesmo indivíduo pode ocupar em uma série de enunciados diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos” (FOUCAULT, 2008, p. 196). Assim, constituindo-se por outras vozes, outros discursos “já-ditos”, tem-se as formações discursivas (FD) que, no emaranhado de vozes outras que se cruzam, originam o interdiscurso como fragmentos de discursos outros, de múltiplos discursos de que compõem a memória discursiva. Dessa forma, o interdiscurso é constituído por vozes outras que se cruzam e se entrecruzam, que vem antes, que antecede e se presentificam no discurso do sujeito.

Por fim, para Foucault, o discurso é o lugar em que as relações de poder se exercem sendo, simultaneamente, instrumento e efeito de poder, pois, se de um lado o discurso produz poder, de outro, também, se apresenta como o lugar da resistência, da oposição, do outro do poder. Discurso é, portanto, para Foucault “um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva [...]” (FOUCAULT, 2008, p. 133).

Diante do exposto e considerando as representações do professor kinikinau, nos recortes selecionados, sobre sua cultura, língua, processos identitários e educação escolar, trazemos a interpretação, em R1- SPK, produzida no relatório do plano de trabalho anterior, seguida de novos recortes do mesmo discurso desse sujeito.

Em R1- SPK, o sujeito, ao justificar a presença de reflexões sobre o ensino e aprendizagem de línguas na escola da Aldeia São João e a presença da tradução de textos, escritos em português pelos alunos do ensino médio, para outras línguas, além do kinikinau (espanhol e inglês), em seu TCC, traz em seu dizer a visão de um indígena articulado ao mundo moderno e seus “confortos” tecnológicos. Não nega a importância dos conhecimentos tradicionais de seu povo, mas vislumbra a participação no mundo da sociedade hegemônica. Tem-se aí o desejo do outro. Conforme Foucault (2008), discurso não é apenas a manifestação do desejo, mas é também o objeto do desejo e prática originária dos saberes, suas formações e suas relações com práticas sociais.

**R1- SPK** – [...] Queremos sim nos tornar falantes e “escreventes” de nossa língua, ser reconhecidos enquanto povo, revitalizar nossa cultura e língua, ver demarcado o nosso território original, mas queremos também viver o mundo do hoje, a tecnologia, os saberes, os conhecimentos interéticos, os conhecimentos universais e, para isso, queremos e precisamos caminhar por entre línguas [...] A escola é nossa grande esperança para a conquista desse sonho. Como já dissemos a língua materna do povo kinikinau, hoje, é a língua portuguesa e a língua indígena é trabalhada como segunda língua e nos moldes do ensino de língua estrangeira [...]

O sujeito de um enunciado fala de um lugar histórico-social, um lugar institucional reconhecido e autorizado, constituído pelas posições ocupadas na sociedade. O professor

Kinikinau fala a partir de uma etnia (Kinikinau) a que, ao mesmo tempo, iguala-o (é indígena) e o diferencia: pertence à etnia Kinikinau; é professor, o que o faz diferente dos demais Kinikinau. E é a partir desse lugar que o sujeito profere seu discurso, carregado de historicidade e sentimento de pertença de um povo sofrido pelas circunstâncias de sobrevivência e busca de território; que perdeu sua língua e cultura e, agora, luta por revitalizá-las.

Assim, ao usar o verbo querer na primeira pessoa do plural em *Queremos sim nos tornar falantes e “escreventes” de nossa língua*, o sujeito se inclui e fala em nome do povo, de todos os kinikinau, há um sentimento de pertença que pode ser constatado na continuação do enunciado: *ser reconhecidos enquanto povo, revitalizar nossa cultura e língua, ver demarcado o nosso território original*, que sintetiza o sofrimento desse povo, pois ao querer ser reconhecido como povo, revitalizar a língua e a cultura e ver demarcado o território, denuncia que não são reconhecidos como povo, estão perdendo a língua e a cultura e não possuem território. O sujeito busca na memória discursiva, na trajetória do povo, fatos que denunciem o processo de exclusão sofrido ao longo dos anos.

Ao trazer para o enunciado *nos tornar falantes e “escreventes” de nossa língua*, o sujeito se utiliza da FD educacional, escolar, uma vez que aprender e ensinar a escrita e o desenvolvimento da língua na modalidade oral são tarefas da escola, remetendo-nos, no caso da língua materna do povo, a FD da legislação da educação, presentes em documentos legais, como a Constituição de 1988, Parecer 14, Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional, Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas, Decreto 667/MS, entre outros, presentificando o interdiscurso governamental em seu dizer. O que nos permite interpretar, a partir das reflexões de Foucault (2008), que o sujeito é um lugar discursivo, distinguido pela heterogeneidade e a instabilidade das diferentes formações discursivas que perpassam seu discurso, outras vozes, outros discursos “já-ditos”, que se entrelaçam, que se cruzam e entrecruzam, originando o interdiscurso como fragmentos de discursos outros, de múltiplos discursos de que compõem a memória discursiva. Discursos que antecedem o dizer do sujeito. Nesse sentido, Orlandi (2009, p. 20) afirma que o discurso é constituído por ideologias, história do sujeito e por “já-ditos” que se manifestam por meio da língua, da materialização linguística do sujeito que acredita ser seu e único o discurso que articula.

O uso do pronome possessivo *nossa* e *nosso*, na primeira pessoa do plural e em concordância com o verbo *queremos* no início do recorte, em *revitalizar nossa cultura e língua, ver demarcado o nosso território original*, reafirma o sentimento de pertença ao povo e marca o lugar de onde fala o sujeito. O operador *mas*, na sequência do enunciado, que conforme a

gramática da língua portuguesa é uma conjunção adversativa, em R1 - SPK exerce duas funções: a primeira refere-se a uma oposição (portanto, funcionando como conjunção adversativa) ao que propõem os documentos oficiais em relação ao ensino da língua indígena e língua portuguesa para as escolas indígenas nacionais, pois não querem só a garantia de seu ensino (língua indígena) e a obrigatoriedade do ensino e aprendizagem da língua oficial do país; e a segunda funciona, semanticamente, como uma conjunção aditiva (e), já que querem o que propõem os documentos legais e querem mais: *mas queremos também viver o mundo do hoje, a tecnologia, os saberes, os conhecimentos interétnicos, os conhecimentos universais e, para isso, queremos e precisamos caminhar por entre línguas*. O efeito de sentido que irrompe neste enunciado é de resistência ao que lhe é imposto como trabalho pedagógico com línguas na escola de sua comunidade. Desponta, neste discurso, o professor kinikinau, aquele que exerce o poder no espaço escolar, por meio da FD capitalista das *tecnologias*.

Em *queremos também viver o mundo do hoje*, o sujeito deixa emergir o jogo estratégico dos discursos indígenas: a busca, no passado, de fatos que lhe sirvam como argumentos para a reivindicação de direitos, em especial da revitalização e uso de sua língua, cultura e demarcação de territórios *versus* o desejo do outro, presente, o mundo que se mostra diferente e distante do seu, no imaginário social, no qual se inclui o sujeito: *a tecnologia, os saberes, os conhecimentos interétnicos, os conhecimentos universais e [...]caminhar por entre línguas*. O item lexical *também* produz o efeito de sentido de que não quer deixar no passado sua cultura, língua, conhecimentos tradicionais e a busca pelo território, mas quer mais, quer *isso e aquilo*. O passado e o presente com as *tecnologias, saberes, conhecimentos interétnicos, os conhecimentos universais*.

O verbo *viver* no infinitivo, logo no início do enunciado, extrapola o sentido constante no dicionário Houaiss de Sinônimos e Antônimos (2011): “acostumar-se, habituar-se, conviver”, produzindo o efeito de sentido de “participar”, “ser” e “pertencer” à modernidade, ao mundo de hoje, ao mundo do outro (branco). Na conclusão do enunciado, o sujeito aponta o caminho a ser seguido, marcado pelo operador discursivo *e*, conjunção aditiva: *e, para isso, queremos e precisamos caminhar por entre línguas [...]*. A expressão *para isso* funciona como uma locução conjuntiva conclusiva, encaminhando para a conclusão, para a possível solução: *queremos e precisamos caminhar por entre línguas*, marcada enfaticamente pela presença dos verbos *querer e precisar*, unidos pela conjunção aditiva “e”. Há, nesse enunciado conclusivo, o efeito de sentido de exigência, resistência e denúncia em relação ao que “não temos”, por isso

*queremos e precisamos caminhar por entre línguas.* A representação de si e do outro encaminha para a igualdade, o “índio da/na modernidade” do outro que o constitui.

A expressão *caminhar por entre línguas* nos remete ao discurso de políticas públicas, políticas linguísticas que, talvez, o professor kinikinau tenha aprendido, estudado no curso de Licenciatura Intercultural Indígena “Povos do Pantanal” e ao interdiscurso do “entre-lugar”, discutido por Bhabha (1998). O indígena kinikinau localiza-se no entre-meio, no espaço que não é totalmente indígena e também não o é do branco. O mesmo em relação às línguas, a língua materna que utiliza não é a língua indigna de seu povo, é a língua portuguesa, por isso precisam ser contempladas na escola. O local onde residem os kinikinau está muito próximo de Bonito/MS, cidade turística, na qual muitos trabalham em hotéis, pousadas e restaurantes, e que recebe muitos turistas internacionais, que usam o inglês como língua franca, justificando a reivindicação para o trabalho com a língua inglesa. A região do Município de Porto Murtinho, jurisdição da Aldeia São João, e a relação fronteiriça com o Paraguai e com o MERCOSUL, que tem como idiomas oficiais o português e o espanhol, justificam o interesse pela língua espanhola, além de ser a língua estrangeira escolhida para a escola da aldeia e para o curso de Licenciatura em que o professor se formou.

Em *Caminhar entre línguas* emerge o efeito de sentido do multilinguismo, do conhecimento de outras línguas de convívio, e remete a FD da educação escolar, já que a escola, microterritório kinikinau em terras kadiwéu, é para o sujeito a *nossa grande esperança para a conquista desse sonho*. Nesse enunciado emana o efeito de sentido de inversão no papel que a escola exerceu sobre os povos indígenas, dizimando línguas e culturas, e o papel que representa hoje: *esperança para a conquista desse sonho*, o sonho de revitalizar a língua e a cultura ancestrais e promover o *viver o mundo de hoje*.

Levando em consideração que o sujeito é atravessado por ideologias e pelo inconsciente, e que fala de um lugar institucional reconhecido e autorizado, formando-se a partir da relação com o outro, não sendo este origem do seu próprio discurso, mas inscrito em uma ordem discursiva, passemos à análise do recorte R2 - SPK

**R2 SPK** – [...] Pertencemos à família linguística Aruak e estamos sofrendo, ao longo do tempo, um processo de perda cultural, identitária e, sobretudo linguística. Não falamos mais a língua kinikinau no cotidiano da aldeia, o português é a nossa língua materna; A língua franca em nossa comunidade é o português [...].

Ao utilizar o verbo pertencer na primeira pessoa do plural em *Pertencemos à família linguística Aruak*, assim como no recorte anterior, o sujeito marca o seu lugar discursivo, assim como o do seu povo, evidenciando a condição de pertencer e falando em nome de todos. Há,

então, um sentimento de pertença expresso logo no início do enunciado e que é confirmado na continuação da sentença com a conjunção “e” e o verbo na primeira pessoa do plural. Essa confirmação é consolidada em forma de denúncia em que o sujeito delata estar sofrendo “*e estamos sofrendo, ao longo do tempo*”. Percebe-se que o sujeito, ao trazer para o enunciado a expressão temporal *ao longo do tempo*, recupera o passado, evidenciando uma historicidade que percorre o tempo e está inserido em sua memória discursiva.

Neste sentido, reconhece-se que há uma memória discursiva, da qual emerge a memória coletiva marcada pela história, a memória de um povo que sofreu no passado, no decorrer do tempo e que continua sofrendo no presente. É por meio deste enunciado que o SPK traz para o discurso todo seu percurso sócio-histórico de desrespeito e exclusão, marcado, em especial, pela *perda cultural, identitária e sobretudo linguística*. Do advérbio intensificador *sobretudo* emerge o sentido de sobreposição, de destaque entre as perdas anunciadas por SPK. Ele sofre pela perda cultural, identitária, mas, acima de tudo, sofre pela perda da língua.

Para compreendermos o significado e a dimensão desta última perda que se sobrepõe as demais, faz-se necessário buscar na fala do próprio SPK referências mais específicas a ela, conforme R3 - SPK

**R3-SPK** a nossa língua é um meio de (re) construção, revitalização, e transmissão cultural, como documento de identidade étnica do nosso povo que vive um intenso e denso processo de renascimento, de luta por reconhecimento étnico, cultural e linguístico [...]. Não falamos mais a nossa língua no cotidiano da aldeia [...] Em relação à língua kinikinai, acreditamos também que é um documento de reivindicação étnica [...]

Em R3-SPK, o sujeito, movido pela luta de reconhecimento étnico e pelos processos identitários do povo, além da garantia instituída por lei, pela Constituição Federal, artigos 210, 215 e 231 e pela LDBEN, lei 9394 de 20 de dezembro de 1996, artigo 32, parágrafo 3º, fala pelo povo, pelo processo de ensino aprendizagem da língua materna a partir de um viés político, trazendo para o discurso pelo intradiscurso a FD da legislação, o discurso já dito em documentos oficiais como a Carta Magna, a LDBEN (lei nº9.394) e as Diretrizes Curriculares para a Educação Básica das Escolas Indígenas. Afinal, foi a partir das duas primeiras que o currículo da Escola Municipal Indígena Koenukunoen, desde sua criação, em 1999, contempla o trabalho com a língua Kinikinai, ficando a cargo daqueles que a dominam a responsabilidade pelo seu ensino. E, em 2011, considerando a co-existência da etnia kadiwéu naquela aldeia, introduziram outra língua indígena no currículo da escola da aldeia: a língua kadiwéu, ficando a encargo dos pais, no ato da matrícula, optar por uma delas para o aprendizado de seus filhos.

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

A língua de cada povo torna-se, portanto, instrumento importante, pois marca as diferenças, ao mesmo tempo que aproxima as semelhanças, na constituição dos processos identitários, considerado o fato de todos serem indígenas, mas possuírem língua e cultura diversificadas e que estabelecem as diferenças entre esses povos. Daí a língua ser considerada *como documento de identidade étnica do nosso povo que vive um intenso e denso processo de renascimento, de luta por reconhecimento étnico, cultural e linguístico [...]*; é preciso, pois, documentar a existência do povo co-habitando o local, em território alheio e em busca de reconhecimento identitário étnico. Reconhece, portanto, em sua língua o poder político de revitalização de sua cultura, de sua identidade e etnicidade. Tem-se aí uma paráfrase do Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas, que afirma:

A linguagem é, quase sempre, o meio mais importante através do qual os povos constroem, modificam e transmitem suas culturas. É por meio do uso da linguagem que a maneira de viver de uma sociedade é expressa e passa, constantemente reavaliada, de uma geração para outra. Os modos específicos de usar a linguagem são, por isso, como documentos de identidade de um povo num determinado momento de sua história. (BRASIL, 1998, p. 113).

Ao trazer para o discurso a afirmação de sua crença em relação ao que diz tal documento, o SPK faz uso novamente da formação discursiva da legislação, tornando presente o discurso governamental que demonstra e confirma, conforme prescreve a análise do discurso, que o sujeito carrega em si o outro. O discurso é heterogêneo e se relaciona com outros dizeres e outros discursos. O SPK ao utilizar o verbo *acreditamos*, acompanhado do item lexical *também*, e inserir em sua fala um recorte de outro discurso, se apropria do discurso do referencial e este discurso passa a ser seu também. É neste outro discurso apropriado que podemos consolidar a compreensão da importância da língua para este povo e o porquê da perda desta sobrepor-se às demais, apontado no R1. Mesmo diante da perda da cultura e da identidade, é a perda da língua que marcará um fim, pois é ela quem detém o poder de construção, de fazer reviver e emergir toda uma cultura e um povo.

Em *não falamos mais a língua Kinikinau no cotidiano da aldeia*, repetido em R1, R2 e R3, a junção de *não* e *mais* expressam a conformidade, a aceitação, de não mais falar sua própria língua, antes, sim, eles se comunicavam pela língua Kinikinau no cotidiano da aldeia. Hoje, não mais. O português passou a ser *sua língua franca*. (R2). No entanto, essa conformidade com o momento atual não expressa o desejo que tem o professor Kinikinau, que em outro recorte afirma:

**R4- SPK[...]** O fato de termos a língua portuguesa como língua materna não nos diminui como indígenas kinikinau, mas dominar e usar a nossa língua indígena vai

**Discursos de resistência e corpos (re)existentes •**

umentar a nossa autoestima. E, o domínio da língua portuguesa nos ajuda a reivindicar os nossos direitos à cultura, identidade étnica, território, reconhecimento e aprendizado da língua kinikinau[...].Defendemos, portanto, a permanência da língua kinikinau em nosso currículo, mesmo que seja trabalhada, até o momento, como segunda língua.

Ele não rejeita a língua portuguesa, mas vê nela um meio que o fará dominar e usar a própria língua. É por meio do português que o povo Kinikinau pode reivindicar seus direitos e aprender a sua língua. Assim, falando em nome de todo o seu povo, o SPK diz *Defendemos, portanto a permanência da língua kinikinau em nosso currículo, mesmo que seja trabalhada, até o momento, como segunda língua*. A expressão *mesmo que seja* evidencia o conformismo, citado acima, de ter a língua portuguesa como língua materna e a língua indígena como segunda língua, no entanto, essa expressão tem o sentido modificado com a expressão *até o momento*, que denota que este conformismo não é total, mas, sim, parcial, enquanto não há o que se fazer, eles concordam com o fato e não abrem mão de ter a língua Kinikinau sendo ensinada, “até o momento”, como segunda língua. Esta expressão, *até o momento*, diz mais, faz emergir o sentido de que eles têm esperança de no futuro reverter essa situação e ter como língua materna a língua Kinikinau.

Assim, na escola da aldeia, o ensino e aprendizagem das línguas indígenas representam o estabelecimento de fronteira étnica entre as etnias que habitam o local, entre as línguas étnicas e a língua da sociedade hegemônica, a língua portuguesa, por todos utilizada, entre a língua estrangeira ensinada na escola (Espanhol) e entre a língua franca (Inglês) utilizada pelos turistas e comércio local na cidade de Bonito.

A respeito das línguas indígenas, Rodrigues (2005, p.35) afirma que nos dias atuais são faladas no Brasil cerca de 181 línguas indígenas. O autor ressalta que há nesse levantamento pequena margem de erro, para mais ou para menos, em decorrência da imprecisão e, em alguns casos, da distinção entre variedades tão pouco diferenciadas que não dificultam a comunicação entre seus respectivos falantes. No caso dessa pesquisa, é o que acontece com a língua Terena e Kinikinau, ambas pertencentes à família linguística Aruak. Talvez, por essa razão, ainda não foi introduzida no currículo da escola da aldeia a língua terena, já que a etnia terena também divide o espaço físico daquele território com os kadiwéu e os kinikinau.

Em outras palavras, movido pela fronteira cultural e linguística do seu local, Roberto (2014) discute em seu trabalho de conclusão de curso (TCC) o trabalho com a linguagem em ambiente multilinguístico, como a escola de sua aldeia. Embora as discussões de Roberto

(2014), no corpo do texto de seu TCC, abriguem a língua portuguesa, espanhola e inglesa, o viés político das discussões atribui maior força argumentativa nas reflexões sobre a língua kinikinau, trazendo à tona a história do povo, cultura, conhecimentos tradicionais e a necessidade de produção de material didático para o trabalho com línguas na escola que, em um movimento discursivo, vai constituindo o processo identitário de seu povo, sobretudo pelo papel documental da língua.

O discursos dos alunos não diferem do discurso do professor, embora apresentem-se com uma estrutura menos organizada do pensamento e problemas sequenciais na exposição das ideias, além de problemas linguísticos em relação ao uso da língua na variante padrão, o conteúdo centra-se em questões linguísticas políticas; questões ligadas ao imaginário social, isto é, como acreditam que o outro (branco) o vê; e a representação de si, ou seja, como eles se representam, o que, no conjunto, constituem traços de processo identitário em constante construção. Assim, pela semelhança entre os textos, apresentamos, em conjunto três recortes que são interpretados juntos.

**R5-SAK-A** ser índio é uma coisa bom porque a gente tem muitas coisas aqui na aldeia muitas coisas boa. eu adoro ser índio. por exemplo nos temos estudos, faculdade e escola Muitas coisas boas que fais parti da nossa vida aqui na aldeia. Eu sou da Língua Kinikinau Eu gosto muito da linhua kinikinau (sic)

**R6-SAK-B** ser índio, para mim, é ter de mostrar para a sociedade a minha cultura e tradição e o modo de viver na minha comunidade, sem falar que ser índio é ter os mesmos direitos que as outras e poder des frutar de todas as oportunidades que nos são ofertadas. Mesmo em meio a tantas dificuldades e preconceito não me envergonho de dizer que sou índio porque eu posso exigir os meus direitos quanto cidadão indígena. (sic)

**R7-SAK-C** ser índio é saber que sou respeitado. o nome da minha aldeia é São João têm três etnia kadiweu, kinikinau e terena., eu gosto de ser índio porque vem medico dentista e aprender ler os professores ensinam a quem não sabe ler, a minha etnia é kinikinau eu gosto de morar na aldeia Nos sentimos o ar puro ver os peixes nadando. vê os animais andando pastando os passarinhos cantando, e quando a gente fica doente vai no posto de saúde e chama o carro para levar no hospital é por isso que eu gosto de ser índio. (sic)

**R8-SAK-D** ser índio é ser um povo que não tem vergonha de mostrar suas culturas. Nós indigenas da etnia kinikinau A Pouco tempo Atrás estávamos Praticamente extintos. O povo kinikinau possui diversos tipos de atividades cultural. tais como a ceramica, comidas, roupas, e a própria lingua.quam uma Pessoa Pergunta para outra como ela imagina um índio. A Resposta sempre é quase a mesma. Um ser, seminu, de penaxos na cabeça, com arco e flechas. Mas nos os Povos indigenas somos alem disso, somos um povo os verdadeiros brasileiro. Muitos imdios têm o costume de diser que os brancos são brasileiros. Mas nos os imdios, que sofremos difersos tipos de preconceitos é que somos os verdadeiros brasileiros, e é por isso que tenho orgulho de ser índio. (sic)

A leitura dos recortes aponta que a proposta da professora indígena partiu de um tema em forma de questão: o que é ser índio? Você tem orgulho de ser índio?, pois todos os recortes iniciam com a expressão *ser índio é* e marcam o orgulho em ser índio, ressaltando as belezas naturais do local (aldeia) que nos remetem à Carta de Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal quando aqui desembarcaram: *eu gosto de morar na aldeia Nos sentimos o ar puro ver os peixes nadando. vê os animais andando pastando os passarinhos cantando* (R7). Temos, portanto nesses recortes a FD histórica. O desejo de igualdade no interior da diferença, o desejo do outro (branco) é marcado em todos os recortes: *nos temos estudos, faculdade e escola* (R5); *ser índio é ter os mesmos direitos que as outras* (R6); *eu gosto de ser índio porque vem medico dentista e aprender ler os professores ensinam a quem não sabe ler* (R7); *Mas nos os Povos indigenas somos alem disso, somos um povo os verdadeiros brasileiro* (R8). Os sujeitos tomam para si o discurso do outro (branco) presentes em leis, trabalhos acadêmicos que já se tornaram *senso comum* e são veiculados nas redes sociais, constituindo-se, portanto, em FDs política, legal, acadêmica, educacional e tecnológica.

Assim como no discurso de SPK, os alunos também, estrategicamente, buscam o passado cultural e histórico do povo para argumentar em seu favor as questões do presente: *de mostrar para a sociedade a minha cultura e tradição e o modo de viver na minha comunidade* (R6); *ser índio é ser um povo que não tem vergonha de mostrar suas culturas. Nós indigenas da etnia kinikinau A Pouco tempo Atrás estávamos Praticamente extintos. O povo kinikinau possui diversos tipos de atividades cultural. tais como a ceramica, comidas, roupas, e a própria lingua.*(R8). Em relação aos aspectos linguísticos, destacamos *Eu sou da Língua Kinikinau Eu gosto muito da lingua kinikinau* (R5), cujo efeito de sentido nos remete ao discurso de SPK, em relação à “língua indígena como documento”, a língua como marca de identidade. Se considerado o enunciado inicial deste recorte, *ser índio é uma coisa bom porque a gente tem muitas coisas aqui na aldeia muitas coisas boa. eu adoro ser índio*, podemos interpretar que há aí um afunilamento, pois o sujeito parte do maior, *ser índio é*, trazendo para o discursos todos os índios marcados pela expressão *a gente*, que funciona como pronome pessoal, na primeira pessoa do plural “nós”, os índios, incluindo-se nesse nós em *eu adoro ser índio*. Em seguida, traz [...] *coisas boa que fais parti de nossa vida aqui na aldeia*, que já afunila o ser índio. Não se trata mais de todos os índios, mas os índios da Aldeia São João. A busca pela diferença é marcada pelo enunciado seguinte, no qual o plural de *a gente* ou *nós* é substituído pelo pronome pessoal na primeira pessoa do singular, produzindo o efeito de sentido de que não é kadiwéu ou terena, é kinikinau, o sentimento de pertença se dá em *Eu sou da Língua Kinikinau Eu gosto muito da lingua kinikinau*, que o difere das demais etnias que habitam o local.

O R8-SAK- D resume todo o discurso do SPK. Em *ser índio é ser um povo que não tem vergonha de mostrar suas culturas*, há o interdiscurso com a história da maioria dos povos indígenas que, em determinado período histórico social, negavam a sua origem por se sentirem envergonhados de

sua cultura, por ser considerada menor, diferente da cultura do branco e pelo fato de dominarem mal a língua portuguesa. Continuando, o sujeito traz para o discurso a etnia kinikinau, registrando o sentimento de pertença e evocando a história de seu povo, contrariando o fato de terem sido considerados extintos *Nós indígenas da etnia kinikinau A Pouco tempo Atrás estávamos Praticamente extintos. Em O povo kinikinau possui diversos tipos de atividades cultural. tais como a cerâmica, comidas, roupas, e a própria língua* ecoa o grito desse povo, também evocado por SPK: nós estamos aqui e podemos provar nossa existência com as atividades culturais *como a cerâmica, comidas, roupas, e a própria língua*. Em seguida, o sujeito traz para o discurso o imaginário social que ainda vê o índio como a mais de quinhentos anos, quando da chegada dos portugueses ao Brasil: *quam uma Pessoa Pergunta para outra como ela imagina um índio. A Resposta sempre é quase a mesma. Um ser, seminu, de penaxos na cabeça, com arco e flechas*. Há, nesse trecho, uma generalização dos povos. Todos os povos são vistos da mesma forma. A presença da conjunção adversativa “mas”, no enunciado seguinte, introduz certa ironia em relação às representações que o branco tem dos povos e sugere que hoje são diferentes: *mas nós os Povos indígenas somos além disso, somos um povo os verdadeiros brasileiro*. No entanto, emana, neste momento, o não pertencimento, o sentimento de estrangeiros em sua própria pátria, remetendo-nos ao que Bhabha (1998) denomina o “entre lugar”: *somos um povo os verdadeiros brasileiros*. O sujeito procura um lugar que seja seu. Em seguida, tomando o discurso do outro e delegando a outros índios, talvez as outras etnias que habitam a comunidade da aldeia São João, a negação de brasileiros aos brancos *Muitos índios têm o costume de dizer que os brancos são brasileiros*, seguida da afirmação do sujeito de quem são os verdadeiros brasileiros *Mas nos os índios, que sofremos difersos tipos de preconceitos é que somos os verdadeiros brasileiros, e é por isso que tenho orgulho de ser índio*. Temos presente nesse enunciado a FD da legalidade, do discurso científico e do senso comum em relação ao índio que produzem a representação de si e reafirma a constituição do processo híbrido, móvel de construção identitária desses povos. O sujeito fala por todos os indígenas, mas, ao finalizar, marca o seu lugar em meio a esse todo quando assegura que *é por isso que tenho orgulho de ser índio*.

### Considerações finais

Constituído ao longo de um processo sócio-histórico de desrespeito, exclusão e estigmatização social, o discurso do professor indígena Kinikinau e dos alunos kinikinau são atravessados por discursos outros que, na forma *da não-coincidência do discurso consigo mesmo*, carregam em si a alteridade que os constituem, os inúmeros discursos que constituem a memória discursiva. A interpretação dos recortes aqui apresentada nos permitem dizer que, em decorrência das inúmeras transformações nas estruturas econômicas e políticas, os povos indígenas tem sua cultura, língua e identidade afetadas pelos modos de vida do branco e, portanto, (re) significam suas práticas, crenças e necessidades na contemporaneidade, situando-

se no entre lugar conflituoso que, de um lado, o mantém em uma relação de dependência e integração com a natureza com os valores culturais, linguísticos e identitários de seu grupo e, do outro, o coloca frente a frente com os valores da sociedade hegemônica que deseja para si.

Perpassados pela linguagem e pelo inconsciente, os sujeitos são heterogêneos, cindidos, clivados, constituídos pelo outro (s) e pelo inconsciente, sendo interpelados por formações discursivas instáveis e contraditórias (históricas, legais, capitalista, educacional, tecnológicas e cultural) que remetem a um exterior discursivo, à história, às transformações sociais da atualidade e aos impactos causados pelas mudanças globais nos modos de vida das comunidades étnicas, de maneira que os recursos naturais não mais dão conta das necessidades desses povo.

SPK e SAK se apresentam como o outro do poder e da resistência, em um contrapositionamento que se manifesta no fio discursivo pelo entrelaçamento entre os valores tradicionais dos povos indígenas e os valores do branco. Há uma negociação constante entre si e o outro, de modo que outras temporalidades passam a ser introduzidas na invenção da tradição, vez que o aspecto fluido do processo identitário desse povo reverte o processo formal de recusa aos valores do outro (“escola”) e projeta uma (re) invenção desse espaço ao caracterizá-lo como determinante para o discurso do SPK e do SAK na modernidade.

A escola é representada nos recortes analisados como lugar de poder, estratégia de sobrevivência desse povo em oposição ao outro (branco/ Terena/kadiwéu). É a partir desse espaço que o Kinikinau passa a ter sua etnicidade reconhecida, conquista visibilidade, reconhecimento em relação ao outro, distingue sua etnia e demarca as fronteiras existentes entre si e o outro. Surge em meio a esse embate de fronteiras, uma identidade contrastiva que implica a afirmação identitária do indígena Kinikinau em oposição a outros grupos.

## Referências

BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renata Gonçalves. -Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para as Escolas Indígenas*. Brasília: Mec, 2012.

BRASIL. *Constituição (1988)*. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, secretaria- Geral da Mesa, 2003. 221 p.

BRASIL. Constituição Federal de 1988. Acesso em 13/10/2013 às 13h 38 min. Disponível:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm)

BRASIL. *Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas*. Brasília: MEC, 1998.  
CARDOSO DE OLIVEIRA, R. *Do índio ao bugre: o processo de assimilação dos Terêna*. 2 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

CARVALHO, J. P. S. *O discurso indígena sobre as questões ambientais*. Dissertação (Mestrado em Letras) UFMS/CPTL. 2013. 143 p.

CASTRO, I. Q. *De chané/guaná a Kinikinau: a construção da etnia ao embate entre o desaparecimento e a persistência*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) UEC/SP. 2010, 347 p.

CORACINI, M. J. R. F. História de vida e pobreza: por uma (intro)dução. In: CORACINI, M. J. R. F. (Org.) *Identidades silenciadas e (in)visíveis: entre a inclusão e a exclusão*. Campinas: Pontes, 2011, p.17-28.

CORACINI, M. J. R. F. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução*. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

COUTO, V. G. C. *A língua kinikinau: estudo do vocabulário e conceitos gramaticais*. Dissertação (mestrado em Letras) UFMS/CPTL. 2005.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 10 ed. Trad. Laura F. de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola (Trabalho original publicado em 1971), 2004.

FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. 7 ed. Trad. Luiz F. Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária (Trabalho original publicado em 1969), 2008.

HOUAISS. Dicionário de sinônimos e antônimos. 3.ed. São Paulo: Publifolha, 2011.

ISA. Instituto Socioambiental. Povos Indígenas do Brasil , 2006. Disponível em: [www.socioambiental.org](http://www.socioambiental.org).

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2009.

OLIVEIRA, D. P.; ALVES, M. M. *Os Kinikinau: dados históricos, vocabulares e linguísticos*. In: Olhares interdisciplinares na investigação sobre a linguagem. GUERRA, V.M. L (org). Cáceres: UNEMAT, 2005, 10 p. Disponível em: <http://www.ceul.ufms.com.br>.

RIBEIRO, D. *Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno*. Petrópolis: Vozes, 1968.

ROBERTO, Inácio. *A língua kinikinau: o ensino da língua kinikinau e produção de material didático*. 2014 (Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Licenciatura Intercultural Indígena “Povos do Pantanal”) UFMS/CPAQ.

RODRIGUES, A.D. Sobre as línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil. São Paulo: *Ciência e Cultura*, v. 57, nº2, 2005.

**Discursos de resistência e corpos (re)existentes •**

SANTOS, D. L. *Entre a “extinção” e o “renascer”*: o processo de revitalização da língua kinikinau como mecanismo de “resistência”. Trabalho de Conclusão de Curso (Letras) UFMS/CPAQ. 2014.

SILVA, G. J.; SOUZA, J. L. O despertar da fênix: a educação escolar como espaço de afirmação da identidade étnica kinikinau em MS. *Sociedade e Cultura*, v. 6, n. 2, julho/dezembro, 2003.

SOUZA, I. *Koenukunoe Emo'u – A língua dos índios Kinikinau*. 2008. 196 f. Tese (doutorado) Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2008.

SOUZA, R. A. O povo Kinikinau e a sua trajetória ao ensino superior. 2009, 6 p. Disponível em: <http://www.rededesaberes.org>.

SOUZA, R. A. *Sustentabilidade e processos de reconstrução identitária entre o povo indígena kinikinau (koinukunoen) em Mato Grosso do Sul*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) UnB. 2012.